



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16185 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

**“LEVAR A EJA ATÉ ONDE O POVO ESTÁ”:** ANÁLISE DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE UM GRUPO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Gabriela Albanás Couto - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Silvana Rodrigues de Souza - Faculdade da Polícia Militar de Santa Catarina (FAPOM)

Luiza Turnes - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**“LEVAR A EJA ATÉ ONDE O POVO ESTÁ”:**

**ANÁLISE DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE UM GRUPO DE  
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS**

**RESUMO:** Neste trabalho analisou-se como foi o processo de criação de duas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Associação de Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR), em Florianópolis, Santa Catarina. A partir de um primeiro levantamento, via questionários e entrevistas, sobre os interessados em iniciar/retomar os estudos na Associação e da discussão do tema em uma assembleia de associados, em maio de 2018 iniciaram-se as tratativas com a diretoria da ACMR e o Departamento de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (DEJA/SME). Compartilhando da ideia de que “a EJA tem de ir aonde o povo está”, em agosto de 2018 o DEJA abriu duas turmas na ACMR, uma de alfabetização e outra de conclusão do Ensino Fundamental. Em junho de 2019, 14 pessoas se certificaram no Ensino Fundamental em cerimônia simbólica que aconteceu durante a comemoração dos 20 anos da ACMR. Além da flexibilização de tempos e espaços e da organização de uma rotina escolar fora da escola, adaptada à dada realidade, o currículo da EJA na Rede Municipal se mostrou apropriado para a educação de um grupo tão

específico, atendido em um espaço não escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catadores de materiais recicláveis. Educação de Jovens e Adultos. Práticas sociais. Escolarização.

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do doutorado em educação que tinha como objetivo compreender as práticas sociais observadas na Associação de Coletores de Materiais Recicláveis (ACMR) em perspectiva temporal, considerando a história da Associação, o tempo presente e as expectativas de futuro de seus agentes.

Em termos metodológicos, com o intuito de enfatizarmos a relação trajetória, trabalho e escolarização dos catadores da ACMR, nos inspiramos no *métier du sociologue* desenvolvido por Pierre Bourdieu. Sendo assim, as noções de vigilância epistemológica e objetivação participante são caras a este estudo. A partir da coleta de dados, via questionários e entrevistas, verificamos que a escolarização aparecia como um sonho distante para a maior parte dos associados da ACMR. Ao questioná-los sobre o tema, percebíamos que vinham à tona sentimentos de vergonha e de humilhação social, e que muitos traziam consigo estigmas de ser um analfabeto ou adulto pouco escolarizado, confirmando a literatura sobre o tema (Di Pierro; Galvão, 2007).

Ao considerar que o trabalho dos catadores apresenta uma complexidade interna que se reflete na construção de sua identidade profissional e no desenvolvimento de uma cultura própria, foi possível colaborar com a construção de uma proposta educacional que viesse ao encontro das necessidades e expectativas do grupo.

Uma educação de fato inclusiva precisa se reinventar e adaptar-se às demandas que a realidade social apresenta. Se por um lado defende-se o direito à educação como acesso à escola pública, dada a especificidade e heterogeneidade dos sujeitos que compõem a Educação de Jovens e Adultos (EJA), torna-se imprescindível pensar em possibilidades de atendimento também fora do ambiente escolar. Cabe destacar que a ideia de uma “educação não escolar” não nega o acesso à escola, tampouco a rechaça. O que se defende é a garantia do direito à educação como direito humano.

Além disso, considerar a EJA em espaços não escolares é também caminhar na direção de uma educação como “um processo que se dá ao longo de toda a vida e que visa garantir possibilidades de desenvolvimento pessoal e coletivo” (Haddad, 2017, p. 40). Para

Arroyo, a EJA precisa ser vista também “como uma política de ação afirmativa de direitos coletivos sociais, historicamente negados” (Arroyo, 2005, p. 29).

Partindo destes pressupostos, a partir de um primeiro levantamento sobre os interessados em iniciar/retomar os estudos na Associação, caso fosse possível a criação de uma turma de EJA em seu local de trabalho, e da discussão do tema em uma assembleia de associados, em maio de 2018 iniciaram-se as tratativas com a diretoria da ACMR e o Departamento de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (DEJA/SME). Compartilhando da ideia de que “a EJA tem de ir aonde o povo está”, em agosto de 2018 o DEJA abriu duas turmas na ACMR, uma de alfabetização e outra de conclusão do Ensino Fundamental.

“Levar a EJA até onde o povo está”, criando oportunidades educacionais em espaços não escolares, é reconhecer as condições de exclusão de seu público, que muitas vezes nem sequer sente-se autorizado a frequentar o ambiente escolar. Assim, corroborar-se-á o pensamento de Haddad quando defende a EJA como uma “ação afirmativa para a superação das desigualdades” (Haddad, 2017, p. 41).

A partir dos elementos de contexto da pesquisa apresentados anteriormente, relataremos a seguir como foi o processo de construção da sala de aula “Reciclando Sonhos” na ACMR. ■

Ao serem questionados sobre projetos de vida para si ou para seus filhos, os entrevistados respondiam de forma genérica que desejavam “um futuro melhor”. Refinando a pergunta, chegava-se a expectativas em relação à educação – isso especialmente falando a respeito dos filhos ou netos, pois muitos julgavam-se fora da idade para retomar os estudos. A ideia de porvir, de projeto é, segundo Bourdieu, produto das disposições do *habitus*, uma vez que “a experiência do tempo se engendra entre o *habitus* e o mundo social (Bourdieu, 2007, p. 255). O autor explica que é “por intermédio das disposições do *habitus* (elas mesmas ajustadas, na maior parte do tempo, às posições), que as esperanças tendem universalmente a se harmonizar mais ou menos às oportunidades objetivas” (idem, p. 264).

Concretizada a parceria com o DEJA/SME, iniciaram-se os preparativos para transformar uma sala multiuso da Associação em sala de aula, o que foi realizado pelos futuros estudantes. Criou-se também uma pequena biblioteca a partir de uma campanha de doação de livros. Surge assim a sala “Reciclando sonhos”, batizada desta forma pelos próprios associados. A sala de aula foi totalmente reformada, organizada e decorada por eles.

Naquele lugar os sujeitos passavam de catadores a estudantes e esta mudança de *status*

foi se mostrando importante ao longo do processo. As aulas aconteciam à noite, após a jornada de trabalho, de modo que os catadores pudessem conciliá-la com o estudo. A sala de aula no local de trabalho garantiu que houvesse frequência pela praticidade: “no primeiro dia de aula fiquei emocionado, pois era um sonho antigo, mas devido à carga horária eu não conseguia chegar a tempo, porque era muito longe e não dava tempo de chegar”. Possibilitou ainda que os professores conhecessem mais de perto a realidade de seus educandos e compreendessem questões caras ao grupo, como a (in)visibilidade social e o fundamental trabalho que realizam ao município e ao meio ambiente.

Ao mesmo tempo, buscou-se preservar o funcionamento nos moldes das demais salas de EJA da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, com oferta de I Segmento, que corresponde aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e tem a leitura como princípio educativo, e de II Segmento, relativa aos Anos Finais e cujo princípio educativo é a pesquisa. Após os estudantes de I Segmento terem passado de nível, as turmas da ACMR foram fundidas. A Pesquisa como Princípio Educativo (PPE) passou então a nortear as atividades. De acordo com Cord (2017), “[...] pela pesquisa como princípio educativo entende-se que os docentes são importantes aliados dos estudantes para que estes possam se instituírem como agentes do seu próprio aprender, por meio do seu agir sobre o mundo e as coisas” (Cord, 2017, p. 2017).

Inicialmente encarada pelos estudantes como um grande desafio, a PPE aos poucos tornou-se um importante fator motivador, uma vez que por meio dela tornaram-se “pesquisadores, curiosos, aprendemos a questionar, formamos opiniões, começamos a ver as coisas de um modo diferente” e aprenderam “a buscar, a pesquisar, a filosofar diante do que o mundo em que vivemos nos passa todos os dias”. Observa-se aqui o que Paulo Freire defendia em relação à educação como prática da liberdade e como processo de conscientização: “o educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo à imersão dos significados em cujo processo se vai tornando também significador crítico” (Freire, 2016, p. 65).

A socialização das pesquisas com a turma, etapa da metodologia da PPE, representava um grande desafio e ajudava a desenvolver, a cada apresentação, senso crítico e novos questionamentos. A este respeito, Berger e Carvalho (2017, p. 199) afirmam que “a socialização de uma pesquisa final contribui para mobilizar os estudantes para novas aprendizagens, assim como possibilita avaliar a necessidade de intervenções pontuais dos professores a respeito de conhecimentos”.

Outra estratégia curricular da EJA em Florianópolis, a Hora de Produção Externa (HPE),

repercutiu decisivamente para o sucesso da turma. Isto porque a HPE, além de ser uma possibilidade de flexibilização da carga horária, uma vez que se trata de produções textuais realizadas fora da sala de aula, ainda funciona como incentivo à produção textual. No caso dos catadores, os estudantes utilizavam a HPE sobretudo para realizar uma “escrita de si”, em que faziam o exercício de colocar no papel suas histórias de vida, as alegrias e dificuldades cotidianas, suas descobertas e sonhos.

As saídas de estudos e a participação em eventos promovidos pela Rede Municipal de Ensino também contribuíram com a ampliação do repertório cultural, científico e social dos estudantes e geravam textos e relatórios que serviam de complemento às horas de produção das pesquisas realizadas em sala de aula, o que foi muito positivo na avaliação dos estudantes: “frequentamos teatro, palestra, cinema, biblioteca, entre outros, tivemos muitas saídas, sempre fazíamos HPE sobre as saídas de estudo, o que era muito bom”. Nas atividades promovidas pela Rede com os demais núcleos de EJA, os estudantes-catadores puderam dar sua contribuição como educadores ambientais que são e, ao “aprender a dizer sua palavra” (Fiori, 2005), deixaram sua marca na história da EJA de Florianópolis.

A finalização do processo se deu em junho de 2019, quando 14 pessoas se certificaram no Ensino Fundamental em cerimônia simbólica que aconteceu durante a comemoração dos 20 anos da ACMR e, em setembro do mesmo ano, sendo certificados oficialmente pela Secretaria Municipal de Educação.

Além da flexibilização de tempos e espaços e da organização de uma rotina escolar fora da escola, adaptada àquela realidade, o currículo da EJA na Rede Municipal se mostrou apropriado para a educação de um grupo tão específico, atendido em um espaço não escolar. A Pesquisa como Princípio Educativo, proposta pedagógica pautada na compreensão de que é possível o desenvolvimento de relações educativas que promovam aprendizagens por meio da busca cooperativa pelo conhecimento (Berger; Carvalho, 2017), pode ser considerada um fator motivador para os estudantes do II Segmento.

A pesquisa de doutorado que possibilitou a inserção da EJA na Associação observou que naquele grupo, dois terços dos associados pertenciam à mesma família, composta por migrantes da zona rural, ex-coletores de erva-mate, que passaram a sobreviver da coleta de papelão nas ruas de Florianópolis no início dos anos 1990. Foram identificadas três gerações da mesma família trabalhando juntas: os mais idosos, chamados de pioneiros, a geração intermediária, que viveu a experiência da catação de resíduos desde a infância, e a terceira geração, formada por adolescentes e jovens já nascidos na Capital.

Adotamos neste trabalho uma abordagem relacional, baseada na teoria social de Pierre Bourdieu: entre a atividade de extração de erva-mate e a coleta de materiais recicláveis; entre o passado e o presente de um grupo social que se desloca do meio rural ao urbano; entre enraizamento e desenraizamento; entre as esperanças subjetivas, materializadas, mais recentemente, pela relação com os estudos e as oportunidades objetivas marcadas pela desigualdade social e por relações de dominação.

Cabe enfatizar que os pioneiros da Associação vinham de um contexto sociocultural e geográfico desfavorável à escolarização. Chama-nos atenção, no entanto, que alguns representantes da geração intermediária e, especialmente os da geração mais jovem, não tenham atingido níveis de escolaridade muito diferentes dos pais e avós. Isso corrobora o pensamento Haddad (2017) de que a escolarização no Brasil ainda é um direito a ser conquistado. A persistência do elevado contingente de jovens e adultos analfabetos, aliada aos “níveis insuficientes e desiguais de desempenho e conclusão do Ensino Fundamental” – realidade geradora dos altos índices de analfabetismo funcional – são dois dos fatores que expressam os desafios da educação pública brasileira.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BERGER, Daniel Godinho; CARVALHO, Sônia. A pesquisa como princípio educativo na EJA na rede municipal de ensino de Florianópolis. In: **Formação e práticas na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017. p. 193-200.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORD, Deisi. **Sujeitos em processo de alfabetização e sua apropriação da cultura digital: um estudo exploratório no I Segmento da EJA da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

DI PIERRO, Maria Clara; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Preconceitos, v. 2).

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo.

**Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 23. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HADDAD, Sérgio. Educação Popular e Formação Pedagógica: contribuições do educador Nilton Bueno Fischer. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 39, n. 4, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/49855>. Acesso em: 31 jul. 2024.

HADDAD, Sérgio. Educação de Jovens e Adultos, direito humano e desenvolvimento humano. In: In: **Formação e práticas na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017, p. 25-42.